

## Agências estetizadas, geração digital, ativismos e protestos no Brasil

*Aesthetics actions, digital generation, activisms and protests in Brazil*

**Frank Marcon**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/4539>

DOI: 10.4000/pontourbe.4539

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Frank Marcon, « Agências estetizadas, geração digital, ativismos e protestos no Brasil », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 17 dezembro 2018, consultado o 14 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/4539> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.4539>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 14 junho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Agências estetizadas, geração digital, ativismos e protestos no Brasil

*Aesthetics actions, digital generation, activisms and protests in Brazil*

Frank Marcon

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 09/09/2018

Aceitação / Accepted 03/11/2018

## NOTA DO AUTOR

Agradeço a Bolsa de Pós-Doutorado Sênior, concedida pela CAPES, entre julho de 2015 e junho 2016, com a qual foi possível realizar parte das pesquisas, diálogos e leituras junto ao Centro de Estudos Juventude e Sociedade, da Universidade Lleida, na Catalunha, sob supervisão de Carles Feixa, que contribuiram para realização deste artigo.

## Introdução

- 1 Nos últimos anos, venho acompanhando as diferentes formas de manifestações que emergiram em diferentes lugares do mundo, desde a chamada Primavera Árabe, com atenção especial para Angola, Brasil e Espanha, buscando formas de entender as características mais gerais do fenômeno dos ativismos e dos protestos contemporâneos, bem como entender questões relacionadas às suas particularidades com a relação às formas de expressão estética nestas manifestações e o envolvimento da chamada

“geração digital”, como Carles Feixa (2014) denomina os jovens de hoje nascidos a partir dos anos noventa<sup>2</sup>.

- 2 Para analisar as particularidades e as generalidades do fenômeno destas manifestações políticas proponho aqui, de modo geral, dar atenção aos usos das linguagens e das formas de expressões estéticas utilizadas nos protestos (dentro e fora da web); caracterizar as formas de ocupação e manifestação no espaço público; destacar as formas de ação através da internet (redes sociais, sites, blogs); e, de modo particular, entender as dinâmicas da estetização das formas de ativismo e dos protestos articulados aos acontecimentos ocorridos especialmente no Brasil, desde as chamadas “Jornadas de Junho, em 2013”.
- 3 Desde junho de 2013, venho estudando e dedicando atenção aos noticiários, as redes sociais e as transmissões *livestream* via internet, percebendo uma infinidade de manifestações em diferentes cidades do País, envolvendo manifestação em áreas públicas, marchas, acampadas, ocupações, painéis, bloqueios de vias públicas, greves, além de um grande número de performances como forma de protesto reivindicando melhorias de serviços públicos; contra violência policial; contra a corrupção; contra os problemas de infraestrutura causados pelos investimentos em grandes eventos como a Copa do Mundo e a Olimpíada; contra ou a favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff e contra o governo do presidente Michel Temer e suas reformas liberais.
- 4 A sequência de eventos econômicos, políticos e sociais, como: a crise econômica em 2013; as eleições presidenciais e parlamentares em 2014; a intensificação da Operação Judicial Lava Jato e o impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2015; além das reformas liberais e as investigações de corrupção no governo Michel Temer; potencializaram e pulverizaram as manifestações sociais, o protesto e o ativismo no País, movimentando diferentes pessoas e grupos sociais a depender do momento, do contexto e dos interesses em jogo. Deste modo, a proposta aqui é analisar os meios e as formas pelas quais estas manifestações ocorreram, modularam e se transformaram em termos estéticos ao passo dos principais acontecimentos políticos, com o objetivo compreender o fenômeno da “estetização do cotidiano”, na “era do capitalismo artista”, de que falam Lipovetsky e Serroy (2015), aplicado ao contexto dos protestos e do ativismo político e mobilizado pela geração digital.

## Ruas, Redes, Ativismo e Protesto

- 5 Nos últimos anos, a intensidade de protestos políticos, articulados ou difundidos pela internet tem sido extremamente diversificada, numerosa e visível<sup>3</sup>. Somente no mês de abril de 2016, estavam ao mesmo tempo sendo realizados vários protestos e manifestações de rua por diferentes motivações em grandes cidades do mundo, como: Buenos Aires, Barcelona, Benguela, Lima, Lisboa, Luanda, Madri, Paris, Santiago, São Paulo e Rio de Janeiro. Motivações, como: crises políticas, crises econômicas, direitos humanos e democracia. Formatos, como: acampadas, atos temporários, escrachos, marchas, noites de vigília, ocupações de praças, ocupações de prédios públicos, greves e atos performativos diversos. Seja como for, as tecnologias móveis estiveram presentes em todas as manifestações em questão, informando, captando e transmitindo imagens dos e pelos próprios participantes. Destaco tal questão pela importância no sentido de exemplificar a intensidade e a diversidade dos lugares, dos contextos políticos, das motivações e dos formatos em vários espaços e sob as mais distintas realidades.

- 6 Alguns estudiosos dos movimentos sociais têm chamado atenção sobre esta mudança de comportamento por uma manifestação mais frequente e um envolvimento político mais direto através de tais manifestações nas redes sociais digitais ou nas ruas (Feixa 2014, Gohn 2014 e Pleyers 2013, entre outros).
- 7 Por hora, gostaria de destacar que em todos os casos mencionados, não apenas as ações nas praças e ruas da cidade assumiram grande protagonismo, mas principalmente as manifestações e o ativismo comunicado ou realizado pela internet possibilitaram maior visibilidade e exerceram também o papel de meio pelo qual as pessoas se informam e convocam, mas também protestam e se expressam politicamente. Em muitos destes casos o protesto nas ruas e praças se tornou um complemento do ativismo nas redes sociais da web ou vice-versa. Manuel Castells (2012) já dizia sobre as manifestações de 2011<sup>4</sup> que elas começaram na rede e a partir daí as pessoas resolveram assumir seus protagonismos nas ruas<sup>5</sup>. Eu diria que, além disto, elas se tornaram cíclicas e passaram conectar as redes às ruas e vice-versa, tornando-se um modo corrente de participação política, independente de por onde iniciem.
- 8 Os protestos dos últimos anos compõem um cenário em que as pessoas passaram a aceder à informação, ao conhecimento e à comunicação de forma mais intensificada e mais arbitrária, enquanto a absorção das tecnologias digitais também se tornou mais ampla e facilitada, mais criativa e mais compreendida por uma geração que domina os meios digitais que, desde muito cedo, foi socializada e escolarizada em meio a tais produtos tecnológicos e suas linguagens e perante formas de cognição em que a imagem, o grafismo, a forma, o som, a oralidade e o texto passaram a compor uma infinidade de sensações e de aprendizado.
- 9 Pelo menos desde a chamada Primavera Árabe e dos movimentos dos *indignados* em países da Europa, emergiu uma modalidade de recurso expressivo no fazer político, que demonstra um modo de se viver e de se compreender a política que tem relação com as transformações ocorridas no cotidiano da vida das pessoas em termos sociais e tecnológicos. As manifestações e os protestos de rua passaram a ter uma linguagem mais corporal, com maior ênfase a diversidade de formas de dizer e de entender o processo político em que se está envolvido e o que se pensa sobre ele. As linguagens artísticas do teatro, do cinema, da TV, da música, da literatura, do desenho, da escultura, da pintura, foram se tornando cada vez mais utilizadas, acessadas, editadas, mimetizadas, mixadas e compartilhadas nestes contextos (Lipovetsky e Serroy 2015).
- 10 Na última meia década, os protestos se diversificaram em causas, em criatividade, em lugares e em formatos de intervenção. Os suportes móveis foram incorporados ao protesto como meio de comunicação, meio de convocação e meio de produção de linguagens ativistas.<sup>6</sup> Nos protestos e manifestações contemporâneas, tais suportes se tornaram os meios pelos quais a comunicação, o registro, o jogo, a criação, a perspectiva e a linguagem do ativismo se tornaram cada vez mais alternativas. Neste contexto, também o modo cognitivo e a experiência sensorial do protesto se transformaram, assim como se transformou a forma de estar e atuar ali, de fazer parte de um movimento ou manifestação política, de expressar algo e tornar sua expressão visível.
- 11 As redes sociais pela internet, as produções de conteúdo e conexões instantâneas a partir dos dispositivos móveis transformaram a linguagem das redes e dos próprios dispositivos em ferramentas do protesto, enquanto as expressões sonoras, escritas e performativas se tornaram formas de agências estetizadas predominantes nas

manifestações políticas do protesto e do ativismo, seja na topografia da cidade seja no ciberespaço.

- 12 Entre as características deste fenômeno, ressalto a intensificação da participação política direta e a visibilidade do ativismo. Ambas as questões demonstram a emergência de um senso individual de agência política, mesmo que imersa na atuação dos coletivos. Quando relaciono tal ideia de agência ao tema do protesto, das mobilizações e dos ativismos contemporâneos quero dizer que estas ações políticas estão se apresentando de formas cada vez mais plásticas e que as pessoas envolvidas são aquelas que as expressam e que as utilizam a partir de amplos repertórios criativos de referências locais e globais, como foram os casos das manifestações ocorridas no Brasil em junho de 2013.
- 13 Os aparelhos móveis de mídia, comunicação e informação se tornaram ferramentas de protesto, e seus usos se tornaram as formas pelas quais também se produziram ou se apresentaram as manifestações estetizadas. O acesso e o uso de tais tecnologias transformaram o modo de manifestação na rua, ampliaram e prolongaram das ruas para a rede e da rede para as ruas as suas formas de produção e reprodução de agências. A ironia, o sarcasmo, o drama, o humor, o hiper-realismo, a fábula, são alguns estilos presentes em formatos discursivos através de imagens em foto e vídeo, na música e na escrita, por exemplo. Neste sentido, a estetização das ações passou a funcionar também como mimese das práticas de expressão e comunicação na rede, em que o apelo visual e sonoro carrega as características do contexto da interação, da produção e do consumo digital, que implica velocidade, instantaneidade, criatividade, colaboração, compartilhamento e solidariedade.

## Três ondas contemporâneas de protesto no Brasil<sup>7</sup>

- 14 O caso do Brasil parece ser interessante para se pensar como os contrastes entre as diferentes formas de estetização emergem destas novas possibilidades de agência política<sup>8</sup>. Destaco pelo menos três ondas de protestos que ocorreram no Brasil nos últimos quatro anos, que podem se tornar interessantes como análise do fenômeno dos ativismos e suas idiosincrasias na era da “estetização do cotidiano” e da “geração digital”.
- 15 a) Denomino como a primeira onda de manifestações, aquela ficou conhecida na mídia e entre estudiosos como "Jornadas de junho de 2013" e foi uma avalanche de protestos que surgiram primeiramente em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, exigindo melhoria na qualidade dos serviços públicos (transporte, saúde, educação, segurança e contra a corrupção) e se espalharam rapidamente por dezenas de cidade do País.
- 16 As manifestações surgiram inicialmente da demanda de estudantes por "passe livre" nos transportes públicos<sup>9</sup> e foram seguidas por protestos contra a violência policial, seguida da reivindicação geral pela melhoria dos serviços públicos, que se intensificaram durante o mês de junho e avançaram durante alguns meses nas ruas e nas redes sociais. Os manifestantes consideravam o movimento como apartidário, não permitindo bandeiras que identificassem partidos, utilizando linguagens e símbolos da internet, cartazes individuais com frases diversificadas, curtas e irônicas, usando fantasias, máscaras e os seus próprios rostos pintados. Tais manifestações chegaram a reunir dezenas de milhares de pessoas, os cartazes e os pronunciamentos nas redes sociais revelavam que não havia uma unidade nas motivações, mas sim uma vontade

dispersa das pessoas de ocuparem as ruas e de reivindicarem por alguma coisa, de dizerem algo sobre suas angústias, de protagonizarem uma agência política, de fazerem suas “vozes” serem ouvidas.

- 17 Para além dos militantes de coletivos sociais já experientes em protestos, a grande maioria das pessoas das manifestações de rua em 2013 era formada por jovens que estavam indo pela primeira vez a uma manifestação de rua. Tais características: o perfil jovem, conectado e sem vínculo com organizações políticas; a forma das marchas com uso de linguagens diretas e irônicas nos cartazes; a influência de símbolos e de linguagens da internet; o modo de mobilização através das redes sociais digitais; a cobertura das manifestações ao vivo, produzida pelos próprios manifestantes e socializadas pelas redes sociais, caracterizaram algumas das particularidades das primeiras manifestações de grande impacto produzidas pelo ativismo da geração digital no Brasil, durante todo o ano de 2013.
- 18 A pulverização das motivações, a espontaneidade da participação, a diversidade de atores (jovens) e a pluralidade e intensidade de formas estéticas de expressar a indignação foram marcantes<sup>10</sup>. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha e publicada no jornal Folha de S. Paulo, durante as manifestações realizadas no dia 17 de junho de 2013, foram aproximadamente 215 mil participantes em várias cidades do País, sendo 65 mil só em São Paulo. Entre estes, 81% se informaram sobre as manifestações pelo Facebook, 84% dos manifestantes não tinham preferência partidária, 71% participavam pela primeira vez de um protesto, 53% tinham menos de 25 anos e 77% das pessoas tinha ensino superior (Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, 18 de junho de 2013).
- 19 Os protestos foram agendados pela internet e rapidamente levaram milhares de pessoas às ruas. As pessoas percorriam áreas centrais da cidade de São Paulo, passando especialmente em frente aos centros de poder financeiro e do poder político (sedes do Governo do Estado e da Prefeitura), dividindo-se em mais de um grupo e que percorriam sentidos diferentes, diante da diversidade de motivações e interesse entre os manifestantes.
- 20 As pessoas e grupos se manifestavam de modo auto-organizado, criando formas de comunicação coletiva através dos dispositivos móveis de comunicação ou através de mensagens passadas boca a boca e criavam manifestos em forma de jogral ou como microfone humano para que todos tivessem acesso às informações (em frases que eram repetidas e reproduzidas coletivamente de um grupo para o outro). Os manifestantes também realizavam registros em mídia digital, produzindo conteúdo informativo sobre o andamento dos protestos e desta forma também buscavam se proteger da violência policial; e criaram manuais de orientação para os manifestantes se protegerem diante da violência ou do autoritarismo policial. Esta onda de manifestações só arrefeceu pouco antes das eleições majoritárias de 2014.
- 21 **b)** O que chamo de segunda grande onda de manifestações ocorreu entre o final do ano de 2014 e março de 2016, que ficou caracterizada pelo antagonismo de duas posturas, e se iniciou com os movimentos que contestavam a reeleição da presidenta Dilma e que aos poucos tornaram o “Impeachment de Dilma” o motivo de suas formas de manifestação, seguido pelos movimentos contrários, que vieram em defesa da Presidenta, denominado “Não Vai ter Golpe”. Ambos se espalham pelo país e movimentaram comunidades de brasileiros no exterior.

- 22 No início de outubro de 2014, logo após a reeleição da presidenta Dilma Rousseff em um pleito divididíssimo com o principal candidato de direita, começaram as manifestações de protesto contrárias a sua reeleição. Já no final do ano de 2014 ocorreram manifestações reunindo milhares de pessoas contra o governo eleito e contra a corrupção atribuída genericamente ao Partido dos Trabalhadores<sup>11</sup>. Em 2015, estas mobilizações de rua cresceram e passaram a se manifestar pelo “impeachment de Dilma”, o que foi provocado por movimentos políticos recém-criados e que se diziam de modo geral nascidos das “Jornadas de Junho”, contrários à corrupção, contrários ao PT, contrários à esquerda, contrários a Lula e Dilma e “a favor do Brasil”.
- 23 Estes movimentos aos poucos foram ganhando de entidades e organizações como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, algumas redes da mídia impressa e televisiva e extraoficialmente de partidos políticos da aliança partidária derrotada nas eleições.
- 24 As principais lideranças dos coletivos que mobilizaram tais manifestações eram homens entre 20 e 40 anos, profissionais liberais, alguns empresários e estudantes. Coletivos como “Movimentos Brasil Livre”, “Vem pra Rua”, “Revoltados Online”, “Acorda Brasil” e “Endireita Brasil”, entre outros<sup>12</sup>, também utilizaram das tecnologias digitais de comunicação e das redes sociais na internet para difundirem suas ideias e as suas chamadas para as manifestações, programando protestos com certa antecedência e orientando os participantes que comparecessem vestidos com as cores verde e amarela. Eles se utilizaram da experiência anterior do alcance das mobilizações através do uso da internet em 2013 e da maior popularização do uso dos *smartphones* para concentrar sua mobilização na contestação dos resultados das eleições e depois derrubar o Governo. O aplicativo *Whatsapp* para *smartphones* e o *Facebook* foram os canais de comunicações mais utilizados para preparar, marcar e difundir suas manifestações.
- 25 Estes protestos foram organizados primeiramente nas capitais dos maiores estados do país, realizadas aos finais de semana, durante o período diurno, com concentrações e passeatas em torno de ruas e praças consideradas centros de lazer ou centros financeiros, como a Av. Paulista, em São Paulo, ou a Av. Atlântica, no Rio de Janeiro. Foram utilizados carros de som com shows, com a presença de artistas que apoiavam o impeachment e com frequência tocavam o hino nacional durante as manifestações. Aos poucos os coletivos mencionados acima foram integrando seus atos nos mesmos dias e locais e por uma única causa: o impeachment de Dilma Rousseff, tornando-se, em números de pessoas, os maiores atos já realizados no País<sup>13</sup>. O perfil dos presentes, inicialmente formado por jovens e jovens adultos de classe média, escolarizados, entre 18 e 40 anos, aos poucos se tornou socialmente bastante diverso, incluindo diferentes classes sociais, grupos etários de todas as idades e com diferentes níveis de escolaridade<sup>14</sup>.
- 26 Logo após o início do segundo mandato de Dilma Rousseff e a ameaça de abertura do processo de impeachment, ocorreram as primeiras evidências de polarização dos protestos, concentrados em duas tendências ideológicas, marcados por distintos modos de ativismos e diferentes modos de atuação nas ruas e nas redes. Defensores do impeachment de Dilma Rousseff passaram a se definir como organizações ideológicas de direita, por um lado, e, por outro lado, organizações, coletivos, sindicatos e movimentos sociais se colocaram em defesa do Governo Dilma, de Lula e contra o que chamaram de “golpe” contra o projeto político recém-eleito. Verde e amarelo foram as cores predominantes entre os primeiros, enquanto o vermelho e o preto se tornaram as

cores predominantes entre os segundos; em uma clara disputa pelos símbolos do protesto e seus significados.

- 27 Há várias diferenças com relação ao que fora as “jornadas de junho”, destacando-se o perfil social dos organizadores e dos participantes, o modo de programar e coordenar os eventos, os direcionamentos ideológicos mais definidos, as formas de estar nas ruas portando símbolos e cores específicos; as organizações, partidos, sindicatos e instituições que aparecem como apoiadores; embora os equipamentos móveis, a internet e a linguagem e a criatividade estética sejam características que permaneceram aí ativadas.
- 28 c) O que denomino de a terceira onda destas manifestações, surgiu logo após a conclusão do processo de impeachment da presidenta e sua saída do Governo. A partir daí foram se desativando os protestos que pediam sua saída, fazendo surgir novos protestos, agora pelo “Fora Temer”. Alguns meses antes do impeachment de Dilma, quando seu vice Michel Temer assumiu a presidência, surgiram movimentos de rua e na internet em apoio à presidenta e ao ex-presidente Lula e após a efetivação do impeachment de Dilma estes movimentos se radicalizam ainda mais, buscando desqualificar a legitimidade do vice para governar, acusando-o igualmente de corrupção e desqualificando as reformas liberais de governo propostas por ele e por seus apoiadores.
- 29 O “Fora Temer” se tornou o centro do ativismo político no Brasil desde que Michel Temer assumiu a presidência. Uma das hashtags mais difundidas nas redes sociais no Brasil entre o ano de 2016 e 2017 foi a expressão #foratemer<sup>15</sup>. Durante um ano de Governo Temer, foram comuns as marchas, as ocupações das escolas, escrachos, jograis, vomitações e várias performances em praças, ruas e em frente ou no interior dos órgãos da administração pública e prédios dos setores da educação e da cultura<sup>16</sup>. Neste interim, as redes sociais se tornaram um espaço de agências, bem como as mobilizações se tornaram cada vez mais dinâmicas. O ativismo assumiu vários formatos, vários coletivos de mídia livre, de artistas, de movimentos sociais, de mulheres, de LGBTs, estudantes, negros, indígenas, ambientalistas, realizando atos e intervenções nas redes sociais<sup>17</sup>.
- 30 Seja no espaço da rua ou da internet, as dinâmicas criativas, estéticas e performáticas do ativismo e os vínculos entre o movimento que se faz na rua e o que se faz nas redes sociais foram intensamente ativos, recapitulando formas de estar na rua e nas redes e usar os equipamentos digitais já presentes nas “Jornadas de JunhoSilvana Nascimento2018-10-05T10:53:00SN”. A diferença com relação a 2013 e com relação a segunda onda é que agora os diferentes coletivos envolvidos e as diversas pautas manifestavam um objetivo comum no protesto, o “Fora Temer”.
- 31 Durante os anos de 2016 e 2017, a aprovação de leis e propostas que retiraram direitos sociais e fragilizam o orçamento público para educação, cultura, ciência e saúde, além dos sucessivos escândalos de corrupção que envolveram o próprio Temer e seu Governo, mantiveram ativas e renovadas as várias manifestações na rua e na internet pelo “Fora Temer”. Por mais diversas que fossem as especificidades das pautas: violência machista e sexista, precarização do ensino, precarização das condições de trabalho, descaso com o patrimônio, a cultura e a investigação científica, entre outras, a #foratemer estava presente, como agregadora da indignação e como parte de certa unidade na mobilização. Mesmo assim, a estrutura política sobreviveu, em parte pela convivência dos movimentos da onda verde e amarela e que anteriormente foram pelo

impeachment de Dilma, cada vez mais apoiados na internet pelo MBL, em parte respaldados por outros movimentos com pendor para ideias economicamente liberais e por ideais conservadores, que acabaram por dar sustentação aos apoios de Temer no Congresso Nacional.

- 32 Em tal cenário, em que a “estetização do cotidiano” tornou-se parte do ser político, implicado pela participação, pela produção, pela circulação, pelo consumo simbólico de várias formas de mensagens, pela sua instantaneidade e pela ampliação e diversificação no número de agentes neste processo, ficou cada vez mais complexo compreender o jogo das escolhas, embora algumas práticas orgânicas apontem para certos atores sociais, certos posicionamentos e certos entendimentos de mundo mais ou menos distintos sobre valores democráticos. A primeira onda de manifestações, aparentemente de caráter mais espontâneo, numeroso e diversificado nas formas, nas ideais e nos simbolismos, parece estar sendo agora ameaçada por formas mais orgânicas e corporativas de controle inteligente do mundo da comunicação digital e da produção, da circulação e do consumo de mensagens, por exemplo. Ao mesmo tempo que a chamada geração digital se tornou protagonista de novas formas de fazer política, também se rearranjam os interesses hegemônicos de mercado, as formas de controle sobre as mídias digitais e se reagrupam diferentes grupos em torno de suas próprias formas de compreensão de mundo e de seus valores morais sobre a sociedade, o indivíduo, a economia e a democracia, entre outros.

## A estetização dos ativismos e protestos

- 33 Poucos anos antes das manifestações de junho de 2013, novos movimentos sociais autonomistas e antiglobalização idealizaram formas de auto-organização, que recusavam o vínculo com partidos políticos, que recusavam as hierarquias em suas estruturas e que surgiam utilizando os meios digitais e as linguagens estéticas criativas como forma de articulação e de protesto, a exemplo do Movimento Passe Livre, do Levante Popular da Juventude, do Coletivo Fora do Eixo, dos Jornalistas Livres e do Mídia Ninja.
- 34 Maria da Glória Gohn (2014) diz que o ativismo contemporâneo, quando comparado aos modos de ativismo anteriores, diferenciam-se “pelos campos temáticos tratados, pelos repertórios, formas de comunicação, identidades criadas, pertencimentos de classe e sociocultural, as formas como aproveitam as oportunidades políticas e socioculturais que surgem e a forma como veem os partidos e organizações políticas.” (Gohn 2014: 12). A autora prossegue destacando que, nas marchas e ocupações destes últimos anos, predominaram “os dramas e representações visuais” (2014: 21). Estas novas manifestações coletivas também impulsionaram o que Gohn (2014) denomina por formas de agregação “ad hoc”, quando se refere às formas de protestos de 2011 pelo mundo e aos protestos de 2013 pelo Brasil.
- 35 A autora argumenta que esta forma de agregação tem funcionado como atração para participação de pessoas sem vínculos políticos orgânicos às diferentes causas, mas motivadas pelos seus envolvimento em redes sociais capazes de se mobilizarem por temas difusos e diversos sobre os quais pessoalmente se sentem provocadas. Neste sentido, também os atos isolados, envolvendo poucas pessoas, no formato de performances, de escrachos, de intervenções artísticas em locais públicos ou privados e as ocupações de praças, de ruas, escolas e prédios públicos dinamizaram a estetização

das agências políticas de muitos jovens, sensibilizando pessoas alheias ao debate político partidário e institucional e contando com a difusão das manifestações nas redes sociais digitais, fazendo parte ou não das ondas de protestos das quais tratei anteriormente.

- 36 Vale ressaltar que alguns anos antes das Jornadas de Junho de 2013 e durante toda a década anterior que precedera as manifestações daquele ano, muitos coletivos vinham se utilizando de táticas criativas de protesto, como performances, escrachos, ocupações de lugares públicos e ativismos digitais. No ano de 2011, por exemplo, o coletivo Levante Popular da Juventude realizou uma série de manifestações públicas no formato de escrachos em frente às residências ou locais de trabalho de pessoas acusadas de participarem ou colaborarem com o Regime Militar no Brasil (1964-1985), filmando estes protestos e publicando-os nas redes sociais. Em várias universidades do Brasil ocorreram ocupações antes de 2011, entre elas a ocupação da reitoria da USP (Universidade de São Paulo), em protesto contra a presença da Polícia Militar no campus. Pelo menos desde 2011 também surgiram os *swarming* na internet, como modalidade de ativismo digital, em que as pessoas se utilizam das redes sociais e blogs como forma de ações civis de pressão social “sobre as câmaras municipais e outros órgãos públicos contra leis abusivas ou atos de corrupção das autoridades” (Gohn 2014: 67) tornando visíveis tais práticas e abusos e contribuindo para derrubar políticos de seus cargos.
- 37 Os protestos de 2013 agregaram vários dos repertórios destas modalidades de ativismo dispersos nas práticas dos novos coletivos e que se distanciaram dos partidos políticos e dos modelos orgânicos e mais rígidos de militância. Os valores da luta por democracia direta e imediata se transformaram em produtos de pautas singulares, às vezes pouco conectadas entre si. A manifestação de rua no Brasil, como em muitos lugares do mundo, tornou-se hiperestetizada e hiperespetacularizada, dispersando-se igualmente pelas redes sociais. Durante as Jornadas de Junho de 2013, os ativistas passaram a se caracterizar pelo uso de máscaras; caras pintadas; uso de cartazes individuais com mensagens curtas muito diversas e individualizadas<sup>18</sup>; e uso de dispositivos eletrônicos, como smartphones. Também passaram a ser recorrentes os registros de si próprios (*selfies*) na participação do protesto como autopromoção destes ativismos em forma de vídeos e fotografias difundidos na internet.
- 38 Alguns meses depois de desativada a grande onda de protestos iniciada em junho de 2013, um número maior de pessoas se manteve ativo, através das redes sociais e surgiram novos coletivos com diferentes focos de atuação. A ocupação de praças e de equipamentos públicos para fins culturais e políticos se tornou corriqueira em várias cidades. Dezenas de escolas e universidades foram ocupadas temporariamente entre 2014 e 2016, com diferentes finalidades de reivindicação, por exemplo pela democratização das instituições ou dos espaços ou para de algum modo fazer a crítica mais geral ao mercado financeiro, à corrupção, à violência policial, às políticas de governo centralizadoras e autoritárias. Esporadicamente continuaram ocorrendo escrachos e atos performáticos com tom político e por diferentes objetivos e a relação de sobreposição entre os atos políticos on-line e off-line se tornaram ainda mais intensos.
- 39 Após a reeleição de Dilma à presidência, em 2014, surgiram outras formas de organização mais estruturadas e mais compactas, que se entenderam como herdeiras dos movimentos de junho e se organizaram em torno de ideias generalizadas contra o

Governo de Dilma, se dizendo contra a corrupção, reivindicando-se como movimentos autônomos com relação aos partidos políticos e se organizando em seccionais por todo o país, através das redes sociais, como: Movimento Brasil Livre, Vem Pra Rua e Revoltados On-line, entre outros. As diferenças entre os objetivos e os modos de estetizar destas formas de ativismo apontam para reprodução comum de alguns repertórios de junho de 2013, embora com diferenças na estrutura mais centralizada de organização, no modo esteticamente mais homogêneo das formas de manifestação, com definição de critérios sobre o uso de roupas com certas cores, na ordem como eram definidos os discursos em palanques, nas agendas programadas de protestos com horários e lugares muito bem definidos. Além disto, o perfil social dos participantes se diferenciou bastante daqueles, em termos geracionais, mas também no que diz respeito a outras características sociais (classe, étnica, gênero, religiosa e ideológica).

- 40 Nos anos de 2015 e 2016, durante as manifestações organizadas pelo MBL, Vem Pra Rua e Revoltados On-line foram realizados acampamentos permanentes na Av. Paulista, em São Paulo, no jardim em frente ao Palácio do Planalto, em Brasília, e foram realizadas marchas e protestos em que as pessoas se vestiam de verde e amarelo, muitos com a camisa da Seleção Brasileira de Futebol, outras pintavam o rosto ou utilizavam máscaras (de Lula e Dilma presos ou homenageando o juiz da operação Lava Jato, Sérgio Moro). Outras formas de protestos organizados pelas redes sociais foram buzinaços e painéis em horários e dias pré-definidos em que a Presidenta faria algum pronunciamento na TV. Nos protestos a favor do impeachment de Dilma, não se ouvia ou se via a reivindicação de expressão de diferentes grupos sociais e as manifestações buscavam expressar uma ideia de unidade, como se fosse uma reivindicação nacional massificada, homogênea e esvaziada de diversidade.
- 41 Mesmo a juventude considerada protagonista dos protestos de junho de 2013, não apareceu mais como símbolo das manifestações pelo impeachment, sendo diluída na ideia do todo indiferente. Esta onda de protestos que durou mais de um ano foi expressa esteticamente de forma hegemônica e uniforme na qual a ideia de nação, de povo e de unidade moral se impôs como princípio de unidade e como alegoria nacionalista. Além disto, os movimentos foram se institucionalizando em torno de algumas lideranças e passaram a comercializar os símbolos de suas campanhas, como camisetas, adesivos, canecas e outros objetos com slogans “Fora Dilma”, “Lula na Cadeia” e “Viva Moro”, como o argumento de que a venda destes produtos subsidiaria as atividades dos movimentos. No mês de agosto de 2016, após o resultado definitivo do impeachment de Dilma, os movimentos pelo impeachment desativaram seus protestos de rua, mantendo-se ativos nas redes sociais, principalmente com canais no Facebook, twitter e Youtube. Contrariando seu propagado antipartidarismo, algumas de suas lideranças foram eleitas nos pleitos municipais daquele ano por partidos considerados de direita.
- 42 De outro lado, as manifestações a favor de Dilma e de Lula começaram a ser organizadas por sindicatos e partidos políticos que se definem à esquerda, acusando o movimento acima de promover um Golpe de Estado. Neste caso, também vários dos repertórios de 2013 voltaram a aparecer isoladamente, embora a estrutura das grandes manifestações de rua também aparecesse de modo mais orgânico e programático, sendo definido por sindicatos e partidos políticos. Carros de som, palanques de comício, balões e bandeiras de partidos compunham a estética destes atos que reuniram alguns milhares de pessoas. Alguns coletivos e pessoas que se consideravam autônomos e sem vínculos com

estas instituições apoiaram tais manifestações, somando-se ao mote principal contra o Golpe, também se utilizando de performances, de escrachos e das mídias digitais como forma de ativismo. Depois que Michel Temer assumiu a presidência, o movimento “Não Vai ter Golpe” se transformou em “Fora Temer”, ganhando um número ainda maior de adeptos.

- 43 Em maio de 2016, notícias e postagens pelas redes sociais divulgaram vários protestos no Brasil e entre os motivos estava o fato de que o governo Temer suprimiu o Ministério da Cultura, integrando-o ao Ministério da Educação. Como forma de contestação, pessoas ligadas à área da cultura ocuparam os escritórios estaduais do Ministério em mais de dez estados do País (Alagoas, Santa Catarina e outros). Em um dos casos, uma orquestra sinfônica tocou uma marcha fúnebre que repetia a expressão “Fora Temer”. Em Aracaju, o Levante Popular da Juventude realizou um ato em um dos terminais de ônibus mais movimentados da cidade, que denominou Noite das Bruxas, em que, principalmente garotas, acenderam um pó químico escrito “Fora Temer” e realizaram uma performance de magia e exorcismo contra o governo. As manifestações com atos dramáticos, apresentações musicais, marchas com cantorias e as ocupações, como no caso da Funarte, de São Paulo, misturaram protestos e performances, registrando em vídeo e divulgando os atos através das redes sociais. O efeito político simbólico dos protestos foi alcançado pela visibilidade, pela capacidade de fazê-lo reverberar e criar uma catarse geral, satisfação, sensação estético/política de agência, de participação e de socialização.
- 44 Os movimentos Fora Temer criaram muitas campanhas virais pelas redes sociais, a exemplo do movimento “vomitação”, no qual os manifestantes passaram a replicar um *emoji* - que representa a sensação de mal-estar e enjoo -, o desejo de vomitar diante dos atos do novo governo. Os ativistas marcavam dia e hora para publicar o *emoji* de vômito nas páginas de redes sociais dos perfis públicos de pessoas que representavam o governo Temer ou sobre notícias e manifestações públicas que este realizava, procurando manifestar sua indignação contra o governo considerado usurpador. O chamado *vomitação* começou na internet e foi para rua, aparecendo em forma de grafite, como arte de intervenção, ou em camisetas e cartazes de manifestantes. Tais ações fazem parte de um fenômeno social mimético da estética dos protestos, que traz a prática e o imaginário da rua para internet e a prática e o imaginário da internet para ruas.
- 45 Estas manifestações contrárias aos mandos e aos direcionamentos de governo do atual presidente ainda estavam ativas quando da escrita deste artigo, em meados de 2017, representadas pelo “Fora Temer” que aparecia com frequência em várias manifestações políticas pelos mais diferentes motivos, tanto através de atos performáticos, escrachos, ocupações e protestos de rua, quanto na internet. A criatividade e a infinidade de manifestações esparsas e que acontecem por diversos motivos se manifestaram também contra Temer e reativaram as táticas e os repertórios um tanto caóticos das Jornadas de Junho de 2013.
- 46 Por outro lado, no caso específico da mídia ativista (de coletivos como Mídia Ninja, Jornalistas Livres, Facção, Maruim, entre outras), que ganhou maior visibilidade e importância nas redes sociais, a partir das Jornadas de Junho de 2013, se mantém ativos os recursos a vários dos princípios daquelas manifestações. Estes coletivos produziram coberturas jornalísticas que diziam serem independentes, com tecnologia de captação e técnicas de transmissão baratas pela internet, utilizando vários recursos estéticos de

sons e imagens, assim como assumiram novas perspectivas de abordagem, com linguagens mais diretas, a partir de dentro dos acontecimentos e recorrendo a temas mais distantes do interesse da mídia convencional. Ao lado das práticas de ocupação, do uso de performances e do ativismo digital, esta talvez seja uma das maiores mudanças estruturais no comportamento do protesto e do ativismo no Brasil, a legitimação da produção, circulação e consumo de informação com independência das grandes corporações de comunicação.

- 47 Assim sendo, para Silva (2014), passou a predominar uma “estética do inacabamento” e “dos planos mal definidos e dos áudios ruidosos”, da correria e da preocupação com a ação, com o acontecimento, sem a presença necessária do narrador/autor da reportagem. Além destas novas linguagens estéticas de produção da informação, subvertendo o cânone jornalístico, também se subvertem os cânones artísticos no uso de formas visuais, sonoras e textuais. São atos estéticos que passaram a fazer parte dos modos de operar e expressar o político. Destacam a multiplicidade e o dissenso entre os ativistas comuns. Surgem muitas perspectivas e pontos de vista comuns de registro em imagens sobre as manifestações, assim como estes se contrapõem às mídias tradicionais. Configuram-se múltiplas estéticas e se valorizam de diferentes formas de expressão destas imagens. “A rua passa a ser o espaço por excelência da visibilidade do enfrentamento, do questionamento dos confinamentos de cada um no seu lugar, e as novas tecnologias servem para o registro, a conexão ‘ao vivo’, a internet como o lugar da transmissão do espetáculo que a performance da ação nas ruas quer contrapor à espetacularização [...]” (Silva e Ziviani 2014: 12).
- 48 Cabe destacar que tais questões deslocam a perspectiva e os entendimentos dos padrões hegemônicos e contribuem para desconstruir as narrativas formais, exclusivas, formatadas, estandardizadas do jargão jornalístico, que passam a conviver com formas de captar, por perspectivas, por cortes, por sequências e por narrativas desviantes. A criatividade e a possibilidade de produzir e fazer circular informação de forma autônoma trouxe outros modos de ver e agir como protesto que reinventam tanto suas formas de ação quanto suas formas de comunicação e de linguagem.
- 49 Com estas transformações nas práticas e nos sentidos da participação política, certo individualismo em meio ao ativismo e ao protesto coletivo se acentuou com o uso destes objetos “móveis e nômades” (celulares, smartphones entre outros) que passaram a “equipar os indivíduos” (Lipovetsky e Serroy 2015)<sup>19</sup>. Assim as dinâmicas de individualização do uso dos objetos utilizados para consumir e produzir comunicação, informação e acesso ao conhecimento influenciaram igualmente na forma de expressão, de sensibilização e de emoção que irão aparecer nas manifestações políticas coletivas, mediadas ou não por tais tecnologias desde então.
- 50 O que é interessante como característica do protesto e do ativismo contemporâneo são os usos das tecnologias móveis, as características criativas de intervenção, a produção e o compartilhamento da própria informação e da própria narrativa a partir de múltiplos pontos de vista; mas também a diluição das lideranças; as novas linguagens estetizadas de informação, com ênfase ao visual, ao sonoro, ao performático, com o uso de diferentes suportes, como os equipamentos urbanos, o próprio corpo, os equipamentos digitais e o uso de distintas linguagens e sensibilidades que passam pela música, pela dança, pela imagem, pelo texto, pelo uso de luz, de cores, de sons, de cheiros e provocam as sensibilidades através de estilos estéticos reconhecíveis como o realismo, a ironia, o satírico, o drama, o cômico.

- 51 O que podemos chamar de estetização do ativismo e do protesto é este fenômeno social contemporâneo que relaciona protesto e manifestação estética, que tem relação com o modo como os efeitos simbólicos das criatividades expressas em diferentes formatos assume cada vez mais a potencialidade de sensibilizar e ser sensibilizada. A linguagem estética se tornou cada vez mais ativa e importante para ação política. Num contexto de hiperestetização da vida, a durabilidade do efeito do protesto estetizado é o da eficácia da satisfação, da emoção e da indignação que ele pode causar sobre as pessoas que o elaboram, que o assistem e que o reproduzem. Seus atores passaram a disputar o lugar da informação e do seu efeito sobre as sensibilidades políticas.
- 52 A sensação de empoderamento passa pela agência da produção, da circulação e do consumo do simbólico em grande medida pela habilidade, disponibilidade, criatividade e rotina no uso das tecnologias para a produção estética da informação e da comunicação. Neste sentido, a rede também é utilizada não só, mas intencionalmente, de forma política. As manifestações políticas e o protesto nas redes sociais se tornaram outro espaço público de disputa, de debate e de contestação. Blogs, videoblogs, sites de compartilhamento de vídeos são exemplos de um contexto esteticamente potencializado, que faz aparecer expressões em conflito, afirmando e disputando seus posicionamentos em cenários de reprodução de informação hegemônica. A ironia, o sarcasmo, o drama e o humor são alguns estilos presentes através de imagens, de sons e de textos.
- 53 Atos como buzinações, painelações, beijações e abraços; representações dramáticas com conteúdo de protesto nas ruas; atos com a intenção de promover o constrangimento público de autoridades; paródias e criações musicais difundidas nas ruas e redes sociais; intervenções artísticas em diferentes equipamentos urbanos; e os usos das mídias digitais e das redes sociais, multiplicaram o alcance destas dinâmicas, inclusive como forma de contrapor o poder das mídias hegemônicas. As “performances”, as “intervenções”, os “escrachos” são exemplos destas estéticas de protesto como meio sensibilizar, expressar e visibilizar estas agências políticas.
- 54 Estas expressões contemporâneas dos ativismos coletivos e dos protestos partem de distintas plasticidades, distintos idiomas, embora a linguagem mais evidenciada seja a do desejo de exercer a agência direta, do uso das tecnologias, das sensibilidades individuais e coletivas rearrumadas, repensadas, reinventadas como modos de fazer política. Estas práticas performativas, estas táticas de usos de equipamentos móveis como mediadores da ação política estabelecem um modo diferente e distinto de protestar e de se tornar visível, audível, sensível, uma nova concepção de participação, uma nova forma de entendimento da atuação política que conectam as demandas locais às demandas globais e vice-versa.

## Considerações finais

- 55 As novas características dos protestos nos últimos cinco anos têm relação direta com o advento das tecnologias móveis de comunicação e de captação, de produção e edição de imagens, com o uso das redes sociais digitais como produtores e difusores de informação instantânea e alternativa, bem como, com os mecanismos de rápida mobilização e organização de eventos de rua ou de atos performáticos em rede.

- 56 A “geração digital” tem reivindicado, de modo geral, a transformação das formas tradicionais de fazer política, exclusivas do voto, das organizações sindicais e dos partidos políticos. Também tem reivindicado outras concepções sobre o público, como espaço e esfera de decisões coletivas. Por outro lado, a estetização como fenômeno do protesto não apenas se faz presente através dos ativismos progressistas, mas também através de manifestações conservadoras. Embora seja possível destacar múltiplas tendências entre os ativismos com a presença das juventudes, elas tendem a carregar diferentes matizes sociais, ideológicos e geracionais a depender do que se põe em questão. A disputa pelos significados do político como valor se dá mais do que nunca no âmbito das relações coletivas, mediadas pelo potencial das agências estetizadas.
- 57 Analisando o fenômeno ao longo dos últimos anos aparecem algumas nuances importantes, entre táticas e práticas que se assemelham, mas que também se diferenciam. Tais manifestações se caracterizaram por 1) serem convocadas através do uso das redes sociais e de tecnologias móveis, por também utilizarem tais tecnologias durante as manifestações, registrando suas experiências, transmitindo informações sob o ponto de vista dos participantes; 2) por produzirem a espetacularização e a estetização através da criatividade sobre o uso das imagens, sons e textos, bem como da realização de atos performativos; 3) pela cobertura ao vivo das manifestações pelos próprios participantes; 4) e pelo modo de utilizar a topografia das cidades com marchas, ocupações, acampamentos e intervenções estéticas diversas.
- 58 As estéticas do protesto podem ser analisadas pelo formato, pelos suportes, pelos sujeitos, pelas expressões simbólicas e por sensibilidades negociadas (provocadas e sentidas). Os artefatos, as linguagens e as sensações como elementos da agência na busca por um comunicar algo, que ao mesmo tempo é uma expressão do sentir e do querer, implicado pela ação e satisfação pessoal, embora coletivizada também em forma de desejo e expectativa compartilhada. Fundamentalmente três pontos são comuns aos casos analisados aqui: 1) a atuação no ciberespaço produzindo e consumindo o político; 2) a prática de ocupação do espaço público; e 3) os ativismos são expressos através do corpo (os modos de estar), da sonoridade (a expressão musical), da língua (os cartazes e os discursos) e da imagem (produção de vídeos, fotografias).
- 59 Aqui tentei apontar para algumas continuidades e descontinuidades do que vem ocorrendo com o ativismo e o protesto no Brasil, tentando apontar para as circunstâncias e as diferenças entre as ondas de protesto, mas também para aquilo que as torna semelhantes. Destaquei que desde 2013 a participação direta se tornou mais intensa, através das mais diferentes manifestações políticas na rua e na internet, havendo continuidades e rupturas entre estas ondas de protestos, principalmente pelos modos de fazer, pelos aspectos simbólicos valorizados e pelas características da participação social entre eles.
- 60 Para finalizar, importa destacar o quanto estes protestos estão marcados por modos de articulação similares (através de internet) e modos de produção de visibilidade também comuns através da produção de representação em forma de imagem e informação de si mesmo, sendo espalhados pelas redes sociais digitais. Por outro lado, os protestos podem não ser visibilizados pela mídia hegemônica ou podem ser produzidos sobre eles representações negativas, mas os próprios ativistas destes protestos têm criado suas narrativas informativas sobre seus movimentos, articulados a diferentes formas de expressão estética, que venho chamando de agências estetizadas do protesto. Seria ingênuo não considerar que empresas, partidos políticos e governos não façam uso de

tais tecnologias e não exerçam aí certo poder de controle e influência, mas isto seria tema para outro artigo, por ultrapassar os objetivos iniciais de entendermos os protestos e o ativismos contemporâneos.

- 61 Antes de terminar, mesmo fora do escopo cronológico que propus analisar, não poderia deixar de trazer para estas considerações o movimento das mulheres, organizado através das redes sociais digitais e que depois ganhou as ruas contra a ascensão dos discursos machistas, sexistas, autoritários e de ódio às diferenças que emergiram no cenário político durante as eleições de 2018, representados por um dos candidatos à presidência. Tanto pela criatividade estética das mensagens e dos usos das tecnologias através da #elenão espalhadas pelas redes sociais e ruas, quanto pelo modo de organização espontâneo e pelos posicionamentos. Foram utilizados vários formatos, várias cores, ferramentas, linguagens, argumentos em defesa da diversidade, da pluralidade e da democracia, representados pelos discursos sobre direitos individuais e coletivos das mulheres, o que sem dúvida impactou sobre o resultado eleitoral e enfrentou o poder das estratégias corporativas de empresas e partidos e suas máquinas de produzir notícias falsas, montagens de mensagens, áudios, imagens e vídeos, utilizando bancos de dados de usuários de forma ilegal e com longo potencial de alcance nas redes e sobre a opinião pública.
- 62 De um modo ou de outro, o ativismo na era digital abriu espaço para que muitas pessoas se tornassem atores mais participativos politicamente, a exemplo dos jovens estudantes e das mulheres. “Uma nova geração de ativistas descobriu novas formas de mudança política, mediante a capacidade de comunicar-se e organizar-se de forma autônoma fora do alcance dos métodos atuais de controle político e econômico” (Pleyers 2013: 38), bem como diversificaram as possibilidades por outras formas de fazer política. Mas isto não sem ter que enfrentar o surgimento de outros mecanismos de tentativa de controle e influência por parte daqueles que detêm os meios financeiros e tecnológicos para rastrear, difundir, induzir e vigiar a vida das pessoas nas ruas ou na internet. Portanto, fica o desafio de que para além de compreendermos melhor as novas formas de ativismo e de protesto, também é necessário entendermos as novas dinâmicas das relações políticas através dos meios digitais e das novos mecanismos de indução e controle social, facilitados pelas novas tecnologias de informação e comunicação e as suas interferências em nosso dia a dia hiperestetizado.

---

## BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Angela. 2012. “Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito”. *Sociologia & Antropologia*.v.02.03: pp 21–41.

ARCE, José Manuel Valenzuela. 2015. *El sistema es antinosotros; culturas, movimientos y resistencias juveniles*. Barcelona: Gedisa Editorial.

BAYAT, Asef. *Life as Politics*. 2010. *How Ordinary People Change the Middle East*. Amsterdam: Amsterdam Universited Press.

- CASTELLS, Manuel. 2012. *Redes de indignacion y esperanza: los movimientos sociales en la era de internet*. Madrid: Alianza Editorial.
- CLIFFORD, James. 1997. *Routes: travel and translation in the twentieth century*. London: Harvard University Press.
- FEIXA, Carles. 2014. *De la generacion @ a la # Geração: a juventude na era digital*. Barcelona: NED.
- FEIXA, Carles; PERONDI, Maurício e CASTRO, Guilherme. 2015. “O Peregrino Indignado: Topias e Utopias do 15M”. *Revista Tomo*, n. 27. jul/dez: 397-428.
- GOHN, Maria da Glória. 2014. *Sociologia dos movimentos sociais*. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez.
- HALL, Stuart e JEFFERSON, Tony (ed). 2014. *Rituales de Resistência: subculturas juveniles en la Gran Bretaña pos-guerra*. Madrid: Traficantes de Sueños.
- LIPOVETSKY, G. e SERROY, J. 2015. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LIMA, Venício A. de. 2013. “Mídia, Rebeldia Urbana e Crise de Representação”. In: ARANTES, Paulo Eduardo (org.). *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. Boi Tempo.
- MARTIN-Barbero, Jesús. 2008. “A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens”. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João (orgs). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC.
- PLEYERS, Geoffrey. 2013. “Ativismo das ruas e on-line dos movimentos pós-2011”. *Lutas Sociais*, São Paulo, vol.17 n.31, jul./dez: 87-96.
- SILVA, Sandra Rubia da. 2012. “De afetos e de memórias: o consumo do telefone celular como *tecnologia afetiva*”. In: RIAL, Carmen, SILVA, Sandra R. e SOUZA, Angel Maria de (org). *Consumo e Cultura Material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Ed. UFSC.
- SILVA, Helena A. e ZIVIANI, Paula. 2014. “Apresentação”. In: SILVA, Regina Helena Alves da (org). *Ruas e Redes: dinâmicas dos protestos BR*. Belo Horizonte: Autêntica.

## NOTAS

2. Para Feixa (2014), a geração digital se divide entre o que ele denomina de geração arroba e de geração hashtag. O autor procura situar rupturas e continuidades nestes tempos digitais, argumentando que enquanto a geração arroba crescera no mesmo momento em que a digitalização surgia, ocupando papel central na comunicação e na informação, a geração hashtag nascera após a consolidação da internet e dos avanços tecnológicos que permitiram a diminuição dos tamanhos dos aparelhos, maior portabilidade dos equipamentos, utilização de linhas telefônicas móveis para navegação na internet com smartphones, maior velocidade e tráfego de dados, ao mesmo tempo em que ocorria a intensificação das redes sociais digitais e a criação de uma infinidade de aplicativos e utilitários para tais equipamentos, que se transformam em localizadores de GPS, capturam imagens em vídeos ou fotos, gravam voz, editam textos e imagens, entre outras aplicações.

3. Segundo levantamento da Teleco, em 2013 53,6% dos domicílios brasileiros utilizavam internet por celular e 88,4% utilizavam por microcomputador, sendo que em 2014 houve uma inversão no uso dos dispositivos de acesso e 80,4% utilizavam a internet por celular enquanto 76,6% por microcomputador. O que demonstra ao mesmo tempo o crescimento do acesso e uma mudança de comportamento na forma de acesso.

Em 2014, mais da metade da população conectava-se de algum modo à internet (54%). <http://www.teleco.com.br/pnad.asp>

4. Ao mesmo tempo, são formas de atuar pela tática do contágio, de modo inalâmbrico (ou sem fios), o que remete à metáfora da rede virtual, como algo que não se conecta de forma linear, através dos quais a interferência, a escolha e o caos nos colocam diante de lógicas mais dispersas de contato e de atuação, como formas ocasionais de articulação, de acesso e de envolvimento, uma “rebelião polifacética” como denomina Castells (2012: 20).

5. Nos últimos anos, a expansão da tecnologia de conexão e tráfego de dados 3G, seguido do 4G, e o aumento mundial da cobertura, permitiram um crescimento sem precedentes no acesso a internet. O uso de suportes móveis de tecnologia, como celulares, smartphones, máquinas fotográficas e câmeras de vídeo passaram de aparelhos de uso cotidiano a instrumentos de protesto. Os smartphones tornaram-se aparelhos cada vez mais comuns e mais populares no ativismo, por agregarem múltiplas funções de comunicação, de acesso à informação, de localização, de compartilhamento, de captação e de edição de imagem e de som. Estes suportes passaram a ser utilizados tanto como ferramenta de comunicação e consumo de informação, quanto como parte das técnicas produtoras de estéticas criativas que possibilitaram expor outras agências e outras visibilidades dos modos de se sentir, de se entender e de se expressar o político.

6. Nas suas formas de expressão cotidianas e políticas e no modo de acesso a informação, a educação e a cultura, a geração de nativos digitais é considerada mais empoderada do ponto de vista simbólico, do que as gerações que a precederam (Martín-Barbero 2008) e é também extremamente mais expressiva pelo visual, pelo sonoro, pelo narrativo e pela plasticidade. Esta relação entre diferentes formas de expressividade tem relação com o que venho entendendo como agências estetizadas, como formas de agir através de linguagens estéticas e que se tornaram características das manifestações políticas, do protesto e do ativismo contemporâneo. O modo de protestar se tornou cada vez mais uma ação mediada pela fluidez de imagens, sonoridades e performances produzidas e consumidas instantaneamente.

7. Este artigo foi concluído no início de 2018 e não inclui de forma sistemática possíveis manifestações ocorridas durante este ano, principalmente no período eleitoral, que poderão render outras análises.

8. É importante destacar que no Brasil, já no início dos anos noventa, aparecera uma expressão bastante estetizada do protesto durante o Impeachment do Presidente Fernando Collor de Melo, quando surgiram os chamados “caras pintadas” como protagonistas daquelas mobilizações. Os manifestantes foram às ruas com seus rostos pintados de branco, preto, verde, amarelo, entre outras cores, com mensagens contra o presidente. Entre os primeiros registros deste tipo de protesto, das caras pintadas no Brasil, aponto a notícia de 13/04/1991, Primeiro Caderno da Folha de São Paulo, p. 8. (notícia sobre um protesto feito por aproximadamente 40 pessoas, realizado em Itacoatiara, pela CUT e o PT, em que os participantes tinham a cara pintada de roxo e branco contra a afirmação de Collor, que usava a expressão “aquilo roxo” eles diziam estar “roxo de fome”. A cara pintada foi assumida a seguir pelos movimentos estudantis. Nos últimos seis meses do ano de 1992, nos protestos contra Collor e pelo impeachment, daquele presidente. No México, ficaram conhecidos os capuzes e as máscaras do movimento zapatista também nos primeiros anos dos noventa.

9. O Movimento Passe Livre, de São Paulo, é tido como desencadeador das manifestações ocorridas em junho de 2013, embora o ativismo pelo passe livre nos transportes públicos seja um movimento social formado por vários coletivos que atuam desde 2003.

10. Durante as jornadas de junho, as manifestações ocorreram à noite, em dias aleatórios da semana e com uma frequência muito grande de pessoas durante algumas semanas.

11. O PT governou o país entre 2003 e início de 2014. No início do de 2014 (ver Folha de São Paulo, 18/03/14), surgiram as primeiras notícias sobre a operação da Polícia Federal denominada “Lava Jato”, que de modo geral se tornou um programa de ações da Polícia Federal e do judiciário contra corrupção no país, primeiramente com o foco sobre a corrupção na Petrobras, seguido de outras investigações envolvendo quase sempre pessoas ligado ao PT, empresários financiadores de campanhas políticas e políticos. Foi a partir desta operação que ocorreu a primeira condenação do ex-presidente Lula pela justiça à prisão, em 12/07/2017.

12. Estes grupos surgiram logo após as eleições presidenciais de outubro de 2014, já como movimentos que se declaravam contra a corrupção, contra Dilma, contra o PT e em apoio a Lava Jato. A primeira manifestação, ainda sem a organização destes coletivos, ocorreu logo após a publicação dos resultados eleitorais que deram a vitória a Dilma.

13. Em 15 de março de 2015, segundo o instituto de pesquisa Datafolha, 1,7 milhão de pessoas saíram às ruas protestar contra o Governo Dilma e pelo impeachment. Entre os manifestantes 82% votaram em Aécio (PSDB) para presidente, 69% se declararam brancos, 68% ganhavam mais de cinco salários mínimos. Em 13 de abril de 2015, o jornal Folha de São Paulo registrou a realização de novos protestos realizados por todo o país no dia 12 de abril de 2015, um domingo. Desta vez, entre os manifestantes, 83% das pessoas que protestavam votaram no Aécio (PSDB) para presidente, 73% das pessoas se declararam brancos, 65% ganhavam mais que 5 salários mínimos, 77% eram favoráveis ao impeachment de Dilma. Outro grande protesto pelo impeachment foi organizado em 16 de agosto de 2015, com aproximadamente 610 mil pessoas em todo o país, segundo o Instituto Datafolha. A Av. Paulista tornou-se o principal ponto de encontro.

14. Em março de 2016, algumas manifestações reuniam aproximadamente um milhão de pessoas e as notícias e imagens que se divulgaram destes eventos são muito interessantes porque demonstram uma estética própria do verde/amarelo com a presença de camisas da seleção brasileira, camisetas verde e amarela e muitas bandeiras do Brasil. Várias versões musicais, incluindo as do Hino Nacional, são criadas e executadas por trios elétricos e outros grupos. Segundo o Datafolha, aquele foi o maior protesto já registrado em São Paulo, com mais de 500 mil pessoas na Av. Paulista. Pelas imagens publicadas na mídia é possível observar cenas que demonstram a característica nacionalista e de carnavalização do protesto. Como exemplo, consultar: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2016/03/13/dez-cenas-que-marcaram-os-protestos-deste-domingo.htm>

15. Desde maio de 2016, quando Michel Temer assumiu a presidência, a expressão Fora Temer passou a ser utilizada como forma de protesto, além de que a #foratemer passou a atingir milhares de menções todos os dias nas redes sociais, sendo ainda mais lembrada em momentos polêmicos do seu governo desde então. Por exemplo, em levantamento realizado pela DAAP, da FGV, em maio de 2017, a expressão atingiu em 4 horas mais de 11 mil menções só no Twitter. Ver: <http://dapp.fgv.br/fora-temer-e-diretas-ja-ganham-forca-nas-redes-apos-protesto-em-brasilia/>

16. Logo ao assumir o governo, em maio de 2016, o presidente Temer fechou o Ministério da Cultura, subsidiando-o ao Ministério da Educação. O fato de tirar da Cultura o status de ministério gerou um intenso movimento de artistas contra o governo e o fato de não haver a indicação de mulheres como ministras no novo governo, também.

17. Nas redes sociais, o símbolo # seguido de uma expressão como #ForaTemer passou a ser utilizado como tática de compartilhamento rápido de ideias. Como esclarece Feixa (2015), desde 2010, o símbolo (#) hashtag passou a ser utilizado comercialmente, mas seu uso se intensificou em

2011, com a sucessão de protestos ocorridos em várias cidades do mundo. Expressões como #ArabSpring, a #OccupyWallStreet, passando pela #SpanishRevolution atingiram milhões de postagens. “Todos estes movimentos surgiram na rede, geraram hashtags muito seguidos e consolidaram em geral o papel mobilizador das redes sociais e em particular o do Twitter” (Feixa, 2015, p. 321).

18. Para Lima, “Cartazes dispersos nas manifestações [de 2013] revelaram que os jovens manifestantes se consideram “sem voz pública”, isto é, sem canais para se expressar e ter sua voz ouvida.” (2013: 159).

19. Na visão de Lipovetsky e Serroy (2015) vivemos a sociedade do hiperespetáculo e do entretenimento e isto significa uma sociedade “de tela generalizada” e “do consumo individualista” que cruza fronteiras estéticas canônicas e atinge todas as facetas da vida social. O “público cada vez mais quer ser ator, adota atitudes destinadas às mídias que o filmam” e “o divertimento não se opõe mais à economia nem à vida cotidiana”.

---

## RESUMOS

Neste artigo apresento resultados parciais de pesquisas de campo e na internet realizadas entre os anos de 2013 e de 2017, em que estive observando as diferentes formas estéticas de expressão política das juventudes contemporâneas. São analisadas aqui as características dos ativismos e dos protestos da chamada “geração digital” que eclodiram em todo mundo a partir da Primavera Árabe. Mais especificamente trato aqui das três grandes ondas de protestos ocorridas no Brasil durante o período da pesquisa, procurando analisar as dimensões políticas das ações estéticas nos protestos e compreender as diferenças e semelhanças entre os usos das linguagens, das formas e seus agentes.

This article is a partial result of field and internet researches conducted between 2013 and 2017, where I have been observing the different aesthetic forms of political expression of contemporary youths. Here we analyze the characteristics of the activism and the protests of the so-called "digital generation" that erupted around the world from the Arab Spring. More specifically, I deal here with the three great waves of protests in Brazil during the period of the research, trying to analyze the political dimensions of aesthetic actions in the protests and to understand the differences and similarities between the uses of languages, forms and their agents.

## ÍNDICE

**Keywords:** youths, digital generation, aesthetics, policy, protests

**Palavras-chave:** juventudes, geração digital, estetização, política, protestos

## AUTOR

### **FRANK MARCON**

Doutor em Antropologia, professor do Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, na mesma universidade. Coordenador do Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas – GERTs. Email :marconfrank@hotmail.com